

ARTIGOS

PAISAGENS, LUGARES E ESPAÇOS: A GEOGRAFIA NO ENSINO BÁSICO

LANDSCAPE, PLACES AND SPACES: GEOGRAPHY IN BRAZILIAN FIRST GRADE

Diamantino Pereira¹

RESUMO: Definimos o que vem a ser análise e alfabetização geográfica e estabelecemos sua relação com o processo de ensino-aprendizagem. Sugerimos uma forma de abordagem da Geografia no ensino básico (1ª a 4ª série) com base em releitura da proposta do PCN de Geografia.

Palavras-chave: alfabetização geográfica – ensino básico – Parâmetros Curriculares Nacionais.

ABSTRACT: We defined what comes to be analysis and geographic literacy and established its relationship with the teaching-learning process. We suggested a form of Geography approach in the basic education (1st to 4th series) based on an interpretation of Geography's PCN proposal.

Key-words: geographic literacy – First Degree – Geography's PCN proposal.

A ALFABETIZAÇÃO E A GEOGRAFIA

O ensino básico caracteriza-se, fundamentalmente, pelo processo de alfabetização. Nas diversas disciplinas que compõem a grade curricular, colocam-se princípios e se estabelecem linguagens dos mais

¹ Professor de Geografia na PUC, e-mail: diamantino@terra.com.br

variados tipos que serão absorvidas pelos alunos como ferramentas de comunicação e de entendimento do mundo.

Na disciplina *Comunicação e Expressão*, por exemplo, o aluno é alfabetizado do ponto de vista da escrita, da leitura e da expressão oral. A partir daí e cumulativamente, uma série de símbolos e regras que anteriormente não faziam o menor sentido, passam a compor um universo de signos e passam a integrar o universo do estudante. No caso da *matemática* a mesma coisa acontece com os números e suas operações: o aluno adquire progressivamente uma nova linguagem, torna-se capaz de se expressar através dela e desenvolve os fundamentos do raciocínio lógico.

Qual a contribuição da geografia no processo de alfabetização da criança? Que contribuição específica essa disciplina pode acrescentar ao processo de aprendizagem pelo qual passa o aluno?

A alfabetização, para a geografia, somente pode significar que existe a possibilidade do espaço geográfico ser lido e, conseqüentemente, entendido. Pode transformar-se, portanto, a partir disso, em instrumento concreto do conhecimento, em uma janela a mais para possibilitar o desvendamento da realidade pelo aluno.

ALFABETIZAÇÃO GEOGRÁFICA

Eu olho para uma paisagem e o que vejo? Simples elementos construídos social e/ou naturalmente? Não, as paisagens são as formas de um processo, são a aparência. Mas nós não falamos sempre que o que importa não é a aparência e sim a essência? Não a forma, mas o conteúdo?

Triste caminho da reflexão baseada na caricatura da ilusão de que uma coisa pudesse existir sem a outra. Mas a aparência é manifestação concreta da essência, assim como a forma o é do conteúdo.

O que tudo isso tem a ver com a paisagem e a Geografia? Como já afirmamos, a paisagem é a forma e a Geografia tem como método de análise partir, justamente, da paisagem, ou seja da forma dos fenômenos. Notem que eu falei “partir” e não ficar estacionado na paisagem.

Como eu posso partir de uma paisagem para analisar geograficamente uma realidade? Dando sentido para os elementos que nela estão contidos. O quer dizer isso concretamente? Quer dizer que temos que entender o conteúdo para podermos entender a forma e também admitir que ela, uma vez constituída, influencia tanto na própria forma, quanto no conteúdo.

Quando observamos uma paisagem, começamos por identificar suas formas e seus componentes: o meio físico constituído pelas edificações, ruas, estradas, viadutos, rios, montanhas, vegetação, meios de transporte e deslocamento, as pessoas, suas vestimentas, seus procedimentos etc. Todas essas identificações podem ser representadas na forma de uma descrição, uma representação gráfica ou cartográfica. Independentemente dessas modalidades, entramos em contato com a forma que uma dada realidade assume para que possa existir: a sua espacialidade manifestada nas formas da paisagem.

Para dar prosseguimento à análise geográfica, precisamos dar sentido para as formas paisagísticas que observamos, ou seja, por que as coisas estão dispostas daquela maneira e naquele lugar. Por que, por exemplo, num primeiro momento, eu posso ter uma paisagem urbana constituída fundamentalmente por residências, pela igreja e pela sede do poder político e militar, rodeados por campos agrícolas? Por que, em outro momento e/ou lugar aparece a fábrica no centro da área urbana já expandida? Por que, a seguir, as áreas centrais das cidades libertam-se da presença das fábricas que passam a se localizar em áreas mais periféricas?

As paisagens vão se modificando, na medida em que se altera a dinâmica que as produz, ou seja, a sociedade, se modifica e, com isso, modifica suas paisagens, que são, então, a forma do novo conteúdo. A grande tentação é explicar tudo como se fosse uma história, como se fosse um desenrolar de fatos transcorrendo no tempo. Mas os fatos, ao acorrerem, constroem seu espaço e é por isso que, ao mudarem os fatos, muda também o seu espaço. **AQUI TEMOS A ANÁLISE GEOGRÁFICA:** em qualquer tempo, em qualquer lugar, em qualquer escala, sempre que

estiver analisando a distribuição territorial dos fenômenos e, portanto, como eles se organizam, pois isso não se dá de maneira aleatória.

ALFABETIZAR GEOGRAFICAMENTE é, pois, dar sentido a essa espacialidade dos fenômenos. Mas, como estamos nos referindo a um processo de ensino-aprendizagem, é preciso que nos referenciemos pedagogicamente para podermos construir, passo a passo, essa noção e esse instrumento de análise com o nosso aluno. Antes de tecer algumas considerações a respeito de algumas possibilidades de trabalhar com a noção de **alfabetização geográfica**, especificamente nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, aprofundarei um pouco mais a discussão a respeito da análise geográfica.

A ANÁLISE GEOGRÁFICA

A realidade é uma totalidade. Quando se observa a realidade de forma disciplinar, ou seja, a partir dos diversos ramos em que o conhecimento científico se dividiu, devemos ter claro que a fragmentação é produto de nosso olhar e não da própria realidade.

Portanto, não existe um fenômeno que seja geográfico, histórico, econômico, etc., em si ou por suas próprias características. “Não cremos, pois, que seja indispensável continuar buscando a definição de um objeto com existência separada, isto, é, uma existência geográfica, um objeto geográfico em si. A partir do entendimento que tivermos do que deve ser o objeto da disciplina geográfica, ficamos em condições de tratar **geograficamente**, os objetos encontrados” (SANTOS, 1996, p. 63). O que pode ser geográfico etc., é a leitura que fizermos do fenômeno que estamos analisando, ou seja, o tipo de abordagem que nos propomos fazer. A leitura ou abordagem, por mais representativa e próxima do real que seja, não é o fenômeno: é apenas a sua leitura.

O objeto de cada ciência ou disciplina é exatamente o mesmo, ou seja, a realidade que pode ser observada por diferentes olhares. Se a diferença não está, pois, no objeto, está na ação do sujeito que observa essa realidade. Assim, a caracterização de cada um desses ramos em

que se dividiu a ciência, está ligada ao tipo de dúvida ou do que o sujeito quer desvendar dentro daquela totalidade que é a realidade.

O objeto da Geografia, assim como das demais ciências, é tudo o que quisermos que seja analisado pelo viés de cada ciência. Essa discussão a respeito do papel da Geografia é levantada também por M. Foucher em seu artigo “Ensinar Geografia apesar de tudo”. Nele, o autor afirma que “é importante entender que hoje, as práticas espaciais, isto é, os gestos, os atos, as trocas de nossa vida social, para serem executadas, desenrolam-se em lugares específicos e não se limitam ao que é imediatamente visível. Saber responder à pergunta: Aonde? É o mesmo que incluí-lo numa classe social, num grupo numa nação, por meio do bairro, do local de trabalho e das práticas espaciais mais banais.” O autor entende, portanto, o conceito de localização não restrito à concepção de lugar geométrico ou territorial.

Isso amplia o sentido dado ao termo localização, que implica normalmente em saber o posicionamento no território, com base em algum sistema de referência que pode ser, por exemplo, algum ponto da rosa-dos-ventos ou, mesmo, o ponto de interseção entre um determinado paralelo e um meridiano, ou seja, as famosas coordenadas geográficas.

Na Geografia, que tem como tarefa o desvendamento da espacialidade dos fenômenos, saber em que lugar as coisas estão localizadas deve ser considerado apenas o ponto de partida ao qual devem se agregar mais alguns aspectos.

A PRODUÇÃO DO ESPAÇO

Possivelmente a concepção de espaço mais popular e que faz parte do senso comum seja a sua caracterização como substrato físico da vida social, ou seja, o espaço como uma superfície onde transcorre a história. Isso leva diretamente para a descrição física da Terra, a popular geografia física que daria conta de estudar essa superfície.

Afirmar, porém, que o espaço é manifestamente físico, não tem o sentido daquilo que é tradicionalmente entendido como geografia física, ou

seja, a natureza intocada pela sociedade. O aspecto físico é, na verdade, a “fisicidade” dos fenômenos, a sua materialidade, que se manifesta nas estradas, pontes, prédios, campos, rios, montanhas, cidades, enfim, o ambiente, o lugar. E o lugar, por mais físico que possa parecer, é uma construção social nas mais diferentes escalas em que isso possa ser afirmado.

Para entender o processo dessa maneira, devemos perceber que a sociedade é um dos elementos componentes da natureza, apesar de ser diferente de muitas outras coisas presentes nessa própria natureza. Assim, a sociedade, como um componente da natureza, na medida de sua própria existência, apresenta-se como formas espaciais.

Essas formas, na medida em que são caracterizadas pela diversidade e pela unidade, nos levam à noção de **distribuição** e, daí, à de **localização**, mas como logo percebemos que os fenômenos não se distribuem e localizam aleatoriamente, precisamos utilizar a noção de **organização** (MOREIRA, 1997, p. 1-11). A noção de espaço geográfico está ancorada no cruzamento dessas três noções, ou seja, que os fenômenos, em sua “fisicidade”, distribuem-se pelo universo, devem ser localizados e adquirem sentido na medida em que são tidos como produto de uma determinada organização da sociedade entendida como um dos elementos da natureza.

ALFABETIZAÇÃO GEOGRÁFICA: ELEMENTOS DE REFLEXÃO E PRÁTICA PEDAGÓGICA

A abordagem geográfica caracteriza-se pelo estudo da produção social do espaço, entendido como uma das características dos fenômenos.

O papel fundamental da Geografia no ensino básico é o de proporcionar aos alunos os códigos que os permitam decifrar a realidade por meio da espacialidade dos fenômenos, ou seja, alfabetizar geograficamente.

Atendendo às suas características de maturidade e de sua capacidade de abstração, o ponto de partida para esse processo é a identificação dos elementos concretos do espaço, presentes em situações, escalas, lugares e tempos extremamente diversos. Referimo-nos à noção de paisagem e de lugar como a materialização territorial do espaço.

Entender essa teia de determinações é uma tarefa a ser desenvolvida em todo o ciclo básico e médio. Nossa tarefa agora será estabelecer algumas coordenadas em relação ao desenvolvimento de práticas de estudo de Geografia de 1ª a 4ª série.

1ª E 2ª SÉRIES

Paisagens

A referência espacial é a paisagem que deve ser introduzida como um elemento de leitura do mundo, ou seja, seus elementos devem ser revelados e seus signos decodificados para que possa ser lida e acrescentar sentido à realidade.

As atividades propostas devem ser simples e concretas e levar em consideração que o domínio da leitura e escrita ainda é muito restrito, particularmente no início do ciclo.

Nessas atividades, ao destacar os elementos que compõem a paisagem, esses podem ser identificados através das noções de natureza e sociedade, recomendando-se que não se trabalhe com opostos, ou seja, aquilo que é natural pode ser considerado como social e vice-versa.

As situações de aprendizagem proporcionadas pelo professor devem possibilitar que, ao final da 2ª série, os alunos sejam capazes de:

- Identificar os elementos naturais e sociais que fazem parte de uma paisagem;
- Não considerar esses elementos, necessariamente, opostos;
- Identificar e analisar as paisagens em lugares e tempos diferentes com graus de abrangência também diferentes, possibilitando a análise geográfica em qualquer situação de aprendizagem;
- Construir e ler mapas simples.

A título de exemplo, sugerimos algumas situações de trabalho com as paisagens, destacando que estas podem ser trabalhadas a partir de diferentes recursos, tais como contos de fada, histórias infantis, fotos, pinturas, representações gráficas, observação direta, etc.:

Observar as paisagens em diferentes lugares:

- Na sala de aula
- Outras paisagens da escola
- Paisagens de outras escolas
- Casas
- Bairros
- Cidades
- Campo

OBJETIVO: Mostrar que as paisagens apresentam elementos diferenciados, mas também aspectos que se repetem.

PROCEDIMENTOS:

- Mostrar, na prática, que a paisagem é tudo aquilo que podemos apreender com o simples olhar e que é constituído de formas diversificadas.
- Que pode ser considerada uma paisagem, tanto o produto de uma observação direta, quanto indireta, através de fotos ou de pintura.
- Podem ser apresentadas fotos, textos e/ou outros recursos a partir dos quais se possam caracterizar diferentes casas, bairros e cidades, tanto no Brasil quanto no exterior, com o sentido dos alunos identificarem diferenças e similaridades.

Observar as paisagens em diferentes tempos, por exemplo:

- Egito no tempo dos Faraós
- Império romano
- Incas
- Idade Média
- Revolução industrial
- Etc.

OBJETIVO: Demonstrar, na prática, a possibilidade de análise geográfica sem dissolução na disciplina “História”, ou seja, utilizando-se de textos históricos, estaremos fazendo análises geográficas. Note-se que o que está sendo proposto, para começar, é apenas a **observação das paisagens**.

PROCEDIMENTOS: Mostrar as formas e características das paisagens de diferentes tempos. As que foram nomeadas são apenas uma sugestão, mas podem ser substituídas por outras paisagens das quais a escola e/ou o professor disponha de material.

Representar as paisagens em diferentes lugares e tempos:

- Na sala de aula
- Outras paisagens da escola
- Paisagens de outras escolas
- Casas
- Bairros
- Cidades
- Egito no tempo dos Faraós
- Império romano
- Incas
- Europa na Idade Média
- Revolução industrial

OBJETIVOS: Representar aquilo que foi observado de maneira coerente com a faixa etária, sem exigência de precisão mas com atenção para as noções da representação de distâncias, direção, proporção e orientação.

PROCEDIMENTOS:

- Começando com os elementos de observação do interior da classe, em que se reconheceram as diferentes formas presentes, como as carteiras, os colegas, a lousa, o armário, mapas, mesa do professor, o professor, etc., solicitar que seja feito um mapa que indique a localização daquilo que foi observado.
- Com essa atividade já é possível chamar a atenção para a noção de proporção entre o real a representação e também para a questão da orientação da representação.
- Com a casa, pode-se pedir para que os alunos representem os cômodos e a disposição dos objetos a partir de sua memória.
- No trabalho com as imagens, pode-se pedir para que os alunos mapeiem os elementos que ali aparecem.

- Procedimentos com maquete, que podem ser multitemáticas, contribuindo para o desenvolvimento de diversas noções.

3ª E 4ª SÉRIES

Paisagens

A referência espacial do trabalho continua sendo a paisagem, mas agora trabalhada em operações mais complexas e acrescida de novas noções. Natureza e sociedade permanecem e podem entrar, por exemplo, as noções de urbano e rural, mas com o cuidado de não apresentar generalidades, uma vez que, tanto as paisagens urbanas, quanto as rurais são extremamente desiguais. Afinal, uma favela e um condomínio de luxo são exemplos de paisagens urbanas, enquanto uma grande propriedade agrícola mecanizada e um pequeno sítio para produção de subsistência são exemplos de paisagens rurais. Se tratarmos o assunto de forma extremamente genérica, estaremos escondendo um dado essencial para a configuração das paisagens, que podem ser rurais ou urbanas, de baixa ou alta renda.

Quando inserimos a noção do urbano e do rural, estamos falando do que me é próximo e mostrando que existem diferenças com aquilo que eu não vivencio e, portanto, é distante. É por isso que essas noções devem ser trabalhadas também com a preocupação de mostrar o próximo e o distante, também no interior de cada uma das paisagens: **o meu urbano e o urbano dos outros; o meu rural e o rural dos outros.**

As situações de aprendizagem proporcionadas pelo professor devem possibilitar que, ao final da 4ª série, os alunos sejam capazes de:

- Comparar as diferenças internas às paisagens urbanas e rurais;
- Explicar as semelhanças e diferenças entre os modos de vida que constroem essas paisagens diferenciadas;
- Representar essas dinâmicas através da linguagem cartográfica, utilizando as noções de posição, localização, fronteira, extensão, distância, direção, orientação, proporção e escala (noção de escala e não as operações de escala numérica).

- Observar, descrever, explicar, comparar e representar as paisagens.

A título de exemplo, sugerimos algumas situações de trabalho com as paisagens:

Observar diferentes paisagens urbanas;

Comparar as diferentes paisagens urbanas;

- *Descrever* as diferenças e semelhanças entre elas;
- *Explicar* as razões dessas diferenças (modos de vida);
- *Representar* essas dinâmicas através da linguagem cartográfica.

Comparar as diferentes paisagens rurais;

- *Descrever* as diferenças e semelhanças entre elas;
- *Explicar* as razões dessas diferenças (modos de vida);
- *Representar* essas dinâmicas através da linguagem cartográfica.

OBJETIVOS: Tomar ciência que as paisagens urbanas são muito diferenciadas e que os motivos que levam a isso não são de ordem técnica, mas decorrem do modo de vida dos diversos setores da sociedade, implicando em apropriação diferenciada do meio que também é diferenciado.

PROCEDIMENTOS:

- Proporcionar situações de aprendizagem que demonstrem a existência de paisagens diferenciadas, o que pode ser feito utilizando-se os recursos de imagem, textos literários, crônicas, etc.;
- A tarefa de descrição é fundamental para que se trabalhe a capacidade de observação e de síntese, além de alguns fundamentos da língua portuguesa;
- As diferenças das paisagens são explicadas na medida em que as diferentes parcelas da sociedade se apropriam de forma diferenciada do meio, em função de seus modos de vida. Dessa forma, ao se proporcionarem situações onde se detalhe esse modo de vida diferenciado, o seu aspecto espacial, materializado nas paisagens, deve vir à tona (**esse é o processo de alfabetização geográfica**);

- A representação através da linguagem cartográfica é essencial para que se possa aprofundar na análise geográfica. Aqui, as noções de leitura de mapas, assim como símbolos, legendas e cores, já deve ser colocada, assim como as noções colocadas alguns parágrafos atrás.
- Ao final desse processo, o professor terá condições concretas de pedir que os alunos estabeleçam comparações entre as paisagens que lhes foram oferecidas para análise.
- Da mesma forma que a descrição permite atividades conjuntas com a “língua portuguesa”, a representação permite uma série de atividades ligadas à matemática pertinentes ao programa que estiver sendo desenvolvido pelo professor.

Comparar diferentes paisagens urbanas e rurais;

- *Descrever* as diferenças e semelhanças entre elas;
- *Explicar* as razões dessas diferenças (modos de vida);
- *Representar* essas dinâmicas através da linguagem cartográfica.

OBJETIVOS: Agora muda apenas a referência territorial, pois não se está mais analisando internamente cada um dos elementos, mas estabelecendo uma relação externa. Essa relação é importante porque, além de permitir que os alunos percebam que existe uma outra dinâmica diferenciada em relação à urbana, dá condições para que se explique uma gama variada de aspectos da própria paisagem urbana.

PROCEDIMENTOS: Idênticos aos anteriores, mudando apenas a referência territorial.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, A. Rego et al. *Estudos Sociais: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Access, 1999.

COLL, C.; TEBEROSKY, A. *Aprendendo História e Geografia*. São Paulo: Atica, 1999.

MOREIRA, Ruy. Da região à rede e ao lugar. *Ciência Geográfica*, n. 6, Bauru, AGB, 1997.

PEREIRA, Diamantino. Geografia escolar: uma questão de identidade, *Cadernos Cedes*, n. 39, Campinas, Papirus, 1996.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. *Parâmetros curriculares nacionais*. Brasília, MEC-SEF, 1997.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO AMAPÁ. *Proposta curricular*. Macapá, SEE-AP, 2000.

